

Jogos de linguagem, seguimento de regras e formas de vida: o reconhecimento do cotidiano

Language games, following rules and ways of life: the recognition of everyday life

Mauricio Silva Alves

Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

prof.mauricioalves@gmail.com.br

<http://lattes.cnpq.br/9596303648311435>

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de análise o itinerário filosófico de Ludwig Wittgenstein, mais especificamente a construção de uma convicção filosófica que se apresenta em direção à marca expressiva do cotidiano, característica de *Investigações Filosóficas*. Este objeto demanda, nesta pesquisa, um olhar sobre as duas obras mais conhecidas do filósofo vienense. Considera, a constatação da existência de inumeráveis jogos de linguagem, exprimindo a variedade de formas de vida arbitrariamente compostas pela gramática no conjunto de suas regras sobre as quais só vigoram semelhanças de família. A convicção que fundamenta este trabalho pode ser expressa pela constatação de que o filósofo compôs um pensamento que se desloca das proposições ao cotidiano. O problema que norteia a pesquisa, cujo resultado é aqui registrado, pode ser formulado da seguinte maneira: de que modo, em Wittgenstein, o cotidiano como realidade pode ser reconsiderado no conjunto dos domínios da filosofia? Os resultados da pesquisa são mostrados por meio da identificação, de elementos que alimentaram a convicção wittgensteiniana sobre o poder do cotidiano aprofundado em *Investigações Filosóficas*, e como ele é capaz de extrapolar os limites da definição ostensiva.

Palavras-chave: Jogos de linguagem. Seguimento de regras. Formas de vida. Cotidiano

Abstract

This work is analyzed in the philosophical itinerary of Ludwig Wittgenstein, specifically the construction of a philosophical belief which appears toward the expressive everyday brand, characteristic of *Philosophical Investigations*. This object demand, in this research, a look at the two best-known works of the Viennese philosopher. Considers the finding of innumerable language games, expressing the variety of life forms



arbitrarily composed by the grammar in all of its rules on which only prevail family resemblances . The conviction that underlies this work can be expressed by the fact that the philosopher wrote a thought that moves the propositions to daily life . The problem that drives him to search , the result of which is recorded here can be formulated as follows : how , in Wittgenstein , the everyday reality as can be reconsidered in all fields of philosophy? The search results are shown through the identification of elements that fueled Wittgenstein's belief in the power of in-depth daily in *Philosophical Investigations* , and how he is able to transcend the limits of ostensive definition.

Keywords: Language games. Following rules. Ways of life. Everyday.

Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico ao seu emprego quotidiano.
(Investigações, §116)

Introdução

As metáforas usadas ao longo das *Investigações Filosóficas* nos iluminam a pensar os diferentes aspectos da linguagem. Um primeiro aspecto seria a opção pedagógica para mostrar ou demonstrar um conceito, ao invés de simplesmente defini-lo. Wittgenstein neste momento estava já afastado da metodologia usada no *Tractatus*, definir o que é linguagem, palavra, uso, regras, etc. seria impor um limite interno a nova abordagem que estava se propondo. Um segundo aspecto para analisar a questão do uso de analogias pode ser atribuído ao fato de que, centrando-se nelas, Wittgenstein muda nossa atenção daquilo que chamamos eventos internos ou mentais, para processos que são externos a nós e disponíveis para qualquer um observar e considerar. Não importa mais dizer sobre o significado de uma palavra, pois o que importa agora é o seu uso, neste sentido, o uso de metáforas ou analogias nos levam a pensar nos conceitos não como entendimentos prontos e fechados, mas com possibilidades variadas.

O ensino do significado, porém, consistiria num determinado *adestramento*: olhar para a direita ao contemplar uma figura em forma de seta, orientar os passos na direção da ponta da seta, etc. este adestramento poderia ser completamente diverso; poderia ser, digamos, o oposto, de modo que os homens voltar-se-iam para a esquerda ao olhar uma seta apontando para a direita. [...] Resumidamente, isto pode ser expresso do seguinte modo: *o significado da seta consiste no seu uso* (STEGMÜLLER, 1977, p.442).

Podemos dizer assim que ensinar o significado das palavras é o mesmo que limitá-las, mas quando as colocamos em expressões e contextos diferenciados, podemos entender mais facilmente aquilo que se deseja mostrar e fugimos da tentação em entender a linguagem como surgindo de algum evento mental. Por outro lado, se Wittgenstein opta por dizer que a linguagem é como uma cidade, ou como um jogo, então mudamos nosso foco para as entidades que estão disponíveis para todos nós.



Quando discutem sobre a natureza precisa dos eventos mentais, estamos em terreno escorregadio, pois não há base comum para comparar o evento mental de uma pessoa com o evento mental de outra. Esse redirecionamento de nossa atenção a partir de eventos internos para os externos é um componente importante na análise wittgensteiniana. Podemos dizer então que o que Wittgenstein nos ensina é a olhar para fora e tomar conhecimento de como uma diferença nas circunstâncias muda o significado do que dizemos ou fazemos.

O repúdio de Wittgenstein ao pressuposto de que o sentido da linguagem é independente das circunstâncias da vida, é talvez o aspecto mais importante de sua ruptura com o que ele chama no prefácio das *Investigações* "minha velha forma de pensar". O filósofo não está ignorando as conclusões anteriores que ele chegou em relação à análise da linguagem, mas esse é apenas um aspecto, uma face dos possíveis entendimentos da linguagem. Sendo assim, Wittgenstein eleva o conceito de *uso* e, por consequência, o conceito de *linguagem ordinária* a um novo patamar, como uma nova categoria para a análise da linguagem.

Só podemos escapar à injustiça ou ao vazio das nossas asserções se apresentarmos o modelo como aquilo que é, como objeto de comparação – como, por assim dizer, um padrão de medida, e não como um preconceito ao qual a realidade *tem que* corresponder. (O dogmatismo em que se cai tão facilmente em Filosofia) (WITTGENSTEIN, 2002, § 131).

Outra analogia importante encontrada nas *Investigações Filosóficas* diz respeito ao jogo de xadrez. Aqui Wittgenstein começa fazendo uma analogia entre uma palavra e uma peça de xadrez. É claro que seria estranho perguntar o que significa uma peça de xadrez, afinal ela não significa nada, porém, se perguntarmos sobre os possíveis movimentos de tal peça, aí a pergunta faz sentido. O mesmo ocorre com as palavras. Mais uma vez encontramos a categoria *uso* como uma forma de se analisar a linguagem. A sutileza da analogia com o jogo de xadrez nos leva a entender que não faz sentido perguntar sobre a peça de xadrez fora do contexto 'jogo de xadrez', da mesma forma que não faz sentido perguntar sobre o sentido de uma palavra sem colocá-la num contexto.

Assim, a analogia com o xadrez traz duas importantes consequências. A primeira é a já exposta acima, de que a peça de xadrez só pode ser usada no contexto 'jogo de xadrez'. A dependência entre a peça e o jogo de xadrez é a mesma da palavra com o jogo de linguagem e nas circunstâncias específicas. Palavras tiradas de seus respectivos jogos de linguagem podem ser enganosas ou sem sentido. Em segundo lugar, o uso da linguagem não é regido por uma "lista completa de regras", o que resolve as ambiguidades de uso, são a formação e as circunstâncias possíveis.



Em última análise, portanto, o nosso comportamento de seguir regras e o modo como as seguimos radicam na nossa estrutura conceptual, a qual determina que ajamos de determinado modo. Quando as interpretações e as justificações se esgotam, agimos sem razões. E é precisamente esse modo de agir que constitui “a rocha dura contra a qual a pá se entorta”, ou seja, a justificação última para o facto de seguirmos determinadas regras de determinada maneira e não doutra (ZILHÃO, 1993, p. 173).

Outra importante analogia citada anteriormente é a da linguagem como uma caixa de ferramentas. Aqui, mais uma vez, a noção de *uso* como uma categoria de análise da linguagem é reforçada. As palavras são como ferramentas, e uso da língua é como o uso de ferramentas, então nós só precisamos olhar para a diversidade de uso da ferramenta para ver que existe uma variedade semelhante na linguagem. Pensemos em uma chave de fenda. Ela pode ser usada para girar parafusos, abrir a tampa de uma lata de tinta, para aplicar pequenas pinceladas de cola, para fazer um buraco, etc., mas não faz sentido nos perguntarmos ‘O que significa uma chave de fenda?’.

Pensai nas ferramentas numa caixa de ferramentas: lá está um martelo, um alicate, uma serra, uma chave de parafusos, uma régua, um frasco de cola, cola, pregos e parafusos. Tão diferentes quanto são as funções destes objetos são as funções das palavras. (E há semelhanças em ambos os casos).

O que nos confunde nas palavras é a sua aparente identidade quanto à forma, quando as ouvimos ditas ou as encontramos escritas ou impressas. Então a sua *aplicação* não nos aparece tão claramente. E em especial quando fazemos Filosofia! (WITTGENSTEIN, 2002, § 14).

Para Wittgenstein, a busca excessiva por significados como se fossem essências coladas em objetos, mostra a fragilidade e o quanto pode ser enganador tirar uma palavra do seu contexto e tentar explicar qual o seu significado.

Além disso, se nós insistimos que as ferramentas têm significado "a", então somos forçados a tentar encontrar um único "significado" essencial que se aplica a todas as chaves de fenda, ignorando todos os seus outros possíveis usos. O mesmo vale para palavras: como ferramentas, eles não têm significados, no sentido estrito, mas eles certamente têm *usos*. “O desejo de encontrar definições de palavras que trabalham em uma variedade de contextos é parte da nossa ‘ânsia de generalidade’ e nossa ‘atitude de desprezo para o caso particular’” (WITTGENSTEIN, 1992, p.18). Mais uma vez Wittgenstein nos permite tirar a conclusão de que o que ele quer é que pensemos nos diferentes pontos de vista ou usos para ferramentas, e não é muito difícil se chegar a outras classificações: ferramentas para usar com madeira, ferramentas para se usar com ferro, ferramentas de carpinteiros ou mecânicos, etc.



O que Wittgenstein procura demonstrar é que não existe uma maneira óbvia de se dividir a realidade em categorias. Categorias implicam um "ponto de vista", e o número de "pontos de vista" são muitos para que haja um único óbvio. Mais uma vez, Wittgenstein nos impele a olhar para os diferentes usos dentro da nossa forma de vida. Além disso, não é justo que possamos agrupar as coisas de maneiras diferentes, mas até mesmo o que chamamos de uma "coisa" pode variar de situação para situação. Se for o caso de que as coisas possam ser categorizadas em um número de maneiras diferentes, e que essas formas de categorizá-los não são óbvias quando eles são investigados empiricamente, em seguida, a pergunta natural é: como é que nós sabemos a que categoria uma coisa pertence? Mais uma vez caímos na noção de *uso*.

Outra situação típica de uso das palavras é a que podemos denominar de *pragmatismo*: palavras são aplicadas conjuntamente com ações envolvendo interlocutores. É o caso em que a significação não se esgota na referência, mas está ligada a uma série de comportamentos codificados por regras explícitas ou por regras de contextos consensuais. Essa é uma situação típica privilegiada, certamente, do ponto de vista terapêutico, por conter a abertura visada pela passagem da noção tractariana de *forma lógica* à noção de *formas de vida*: a introdução da dimensão pragmática na análise da linguagem (MORENO, 2005, p. 85).

Outra analogia importante que Wittgenstein apresenta nas *Investigações Filosóficas* é o exemplo da "linguagem do construtor" e a possibilidade de uma linguagem ser incompleta. Segue exemplo:

Pensemos numa linguagem para a qual seja válida a descrição dada por Santo Agostinho: esta linguagem tem que servir para a comunicação entre um pedreiro A e um servente B. A utiliza pedras na construção em que trabalha; há blocos, lajes, vigas e colunas. B tem a função de lhe alcançar pedras pela ordem em que A precisa delas. Para este efeito recorrem ao uso de uma linguagem que consiste nas palavras <bloco>, <coluna>, <laje>, <viga>. A exige-as em voz alta; - B traz a pedra que aprendeu a trazer ao ouvir um certo som. - concebe isto como uma linguagem primitiva completa (WITTGENSTEIN, 2002, § 2).

Não há dúvidas que estas linguagens mesmo simples são completas, da mesma forma que não há nenhuma questão sobre "quantas casas ou ruas são necessárias para que uma cidade comece a ser uma cidade"(WITTGENSTEIN, 2002, § 2). Este é um ponto importante na argumentação de Wittgenstein, uma vez que ele deseja apresentar os diversos usos da língua sem tentar constranger o seu entendimento num conceito fechado, então, pensar diferentes possibilidades de usos só demonstra o quão sólida é a posição do autor em relação a noção de uso.

Se pensarmos em línguas simples – como o exemplo do construtor - como sendo incompleta, então poderíamos perder o que realmente faz a diferença, ou seja, a capacidade de adaptar as palavras



às nossas necessidades. Poderíamos até afirmar que o uso de uma simples palavra estaria ocupando espaço de uma sentença complexa e, portanto, seria incompleta. Mas Wittgenstein diz que incompletude não é o problema aqui, pela simples razão de que mesmo essas línguas não são incompletas. Elas estão completas, pois são usadas perfeitamente pelo construtor para realizar suas tarefas. A razão para o nosso equívoco é a nossa noção defeituosa de como a linguagem funciona. Estamos sempre tentando definir cada palavra, como se existisse uma essência e, além disso, a ideia de que quanto mais restrita esta definição, mais seguros estamos do uso da mesma e, por consequência, é menor a chance de se incorrer em ambiguidades. Para Wittgenstein o que compensa as ambiguidades percebidas na linguagem não é mais a definição da palavra, mas o contexto, as circunstâncias e a formação ou experiência dos falantes. Como afirma o autor: “Pois as palavras só têm significado no fluxo da vida” (WITTGENSTEIN, 2008, p.390).

Wittgenstein não está dizendo que não existem frases ambíguas em linguagem comum, ou que alguma explicação pode não ser necessária para algumas instruções. Ele está dizendo que, se uma frase faz sentido, tem que ser completa, não importa o quão ambíguo possa parecer quando considerado à parte do contexto e das circunstâncias em que ocorre normalmente. E se quer saber como uma frase aparentemente ambígua pode transmitir uma ideia precisa, não devemos olhar para alguma outra sentença mais complexa, devemos olhar para a forma como as circunstâncias e o contexto da sentença lhe dão sentido.

Toda a argumentação que Wittgenstein elabora nas *Investigações Filosóficas* busca recuperar a importância da linguagem ordinária como forma de interação social e conhecimento, evoca o papel da comunidade na troca de conhecimento dentro de uma forma de vida. Este ponto é fundamental, visto que a linguagem ordinária não é apenas uma opção metodológica do autor, mais uma forma de elevar o ‘ordinário’ a uma categoria nova filosófica. As analogias e metáforas usadas pelo autor, só reforçam o fato de que a linguagem deve ser vista no *uso* e não em situações artificiais e criadas para encaixar em certos modelos.

Dentro dessas analogias, talvez a mais importante e abrangente de todas seja o exemplo entre linguagem e uma cidade. É uma metáfora muito poderosa e sugestiva e pode ser útil para trazer algumas das implicações para o estudo da língua. Diz Wittgenstein:

(E com quantas casas e ruas é que uma cidade começa a ser cidade)? A nossa linguagem pode ser vista como uma cidade antiga: um labirinto de travessas e largos, casas antigas e modernas e casas com reconstruções de diversas épocas; tudo isto rodeado de uma multiplicidade de novos bairros periféricos com ruas regulares e as casas todas uniformizadas (WITTGENSTEIN, 2002, § 18).



Uma das primeiras características de uma cidade que vem à mente é que está constantemente a mudar: novas partes da cidade estão sendo construídas e peças mais antigas estão caindo em desuso. Algumas partes da cidade não são mais usadas. Essa metáfora traz a mesma qualidade dinâmica na linguagem: nossas alterações linguísticas numa base contínua e de diversas maneiras. Nós criamos conjuntos inteiramente novos de palavras e frases para lidar com novas atividades. Estas novas palavras e frases ocorrem em conjunto com o crescimento de uma nova atividade, e são mais frequentes em disciplinas científicas desde que estas são as atividades que estão em constantes mudanças. Temos também o abandono de algumas palavras e frases, como se abandona bairros antigos. Outra dinâmica que encoraja a mudança em nossa língua é o uso de gírias. Podemos também entender a partir dessa analogia que partes da cidade de Wittgenstein são temporárias, e algumas partes que são mais duradouras.

Uma das características mais interessantes da cidade é que a própria dinâmica da construção e progresso cria maneiras de se chegar a certos lugares. Não se pode ir a um lugar específico por qualquer caminho, é possível tentar, mas certamente existem obstáculos. Devemos pensar que existem diversos caminhos para se chegar a um destino, mas não podemos buscar um caminho novo nunca antes percorrido. A língua opera da mesma maneira. Nós não somos livres para falar o que quisermos de qualquer maneira. Há "estradas" e "passagens" que influenciam a forma como falamos. Isso não significa que nunca podemos mudar o caminho, mas a forma de vida da qual fazemos parte nos conduz a falar com códigos decifráveis. "Uma forma de expressão inapropriada é um meio seguro de se ficar imobilizado numa confusão. Aquela parece que tranca a saída desta" (WITTGENSTEIN, 2002, §339).

Outro paralelo entre a linguagem e uma cidade é que a língua é um sistema grande e complexo que desafia regulamento dado por regras explícitas. É verdade que a linguagem tem regras de sintaxe, mas nem as regras da sintaxe, nem os regulamentos da cidade determinam o funcionamento da linguagem ou da cidade. Diz Wittgenstein:

Como teríamos de imaginar uma lista completa de regras para a utilização de uma palavra? – Que queremos dizer com uma lista completa de regras para a utilização de uma peça de xadrez? Não seria possível construirmos casos duvidosos, em que a lista normal de regras não decide? Pensa, por exemplo, na seguinte questão: como determinar quem jogou por último, se se levanta a dúvida sobre a segurança da memória dos jogadores?

A regulação do tráfego nas ruas permite e proíbe determinadas ações por parte dos condutores e dos peões; mas não tenta dirigir a totalidade dos seus movimentos através de regulamentos. E não faria sentido falar de um ordenamento de tráfego 'ideal', que o fizesse; em primeiro lugar, não saberíamos como imaginar este ideal. Se alguém quer fazer os regulamentos de tráfego mais rígidos num ou noutro



aspecto, isso não quer dizer que deseje aproximar-se de tal ideal (WITTGENSTEIN, 2002, §104).

Linguagem também não tem ordem ideal, ela atinge uma espécie de equilíbrio como resultado de forças concorrentes. O saldo na linguagem é um produto da "competição" entre as ferramentas (isto é, palavras) e emprego (ou seja, as tarefas linguísticas que usamos palavras para completar). Isso significa que as ferramentas exigem certos tipos de empregos, a fim de ser usado, e empregos exigem certos tipos de ferramentas para que o trabalho seja realizado. Esta reciprocidade tem a função de organizar as ferramentas disponíveis para os trabalhos necessários, e, ao mesmo tempo, modificando as tarefas a serem realizadas para ajustar as funções dos instrumentos disponíveis.

A coisa importante para lembrar é que nós não precisamos de regras codificadas para esmorecer as ambiguidades na linguagem. Na verdade não existe um conjunto de regras que poderia fazer isso. Tudo o que precisamos fazer é usar a linguagem para realizar as tarefas do nosso dia-a-dia e, como consequência, as névoas do desentendimento se dissiparão. Outro aspecto importante é que em uma cidade aprendemos a encontrar o nosso caminho através de nossa participação ativa em nossas atividades diárias. Às vezes podemos precisar de um mapa para encontrar o nosso caminho, mas muitas vezes nós apenas seguimos o rumo do acaso no curso de nossas atividades. Na linguagem acontece o mesmo. Não temos um manual de regras, apenas vamos nos adequando às demandas do dia-a-dia.

É perfeitamente imaginável que alguém saiba deslocar-se com precisão numa cidade, isto é, que, com segurança, encontre o caminho mais curto de um local para qualquer outro – e, no entanto, seja incompetente para desenhar um mapa da cidade. Que, logo que o tente, produza apenas algo de *completamente* falso. (o nosso conceito de instinto) (WITTGENSTEIN, 2002, §39).

A linguagem é bastante semelhante. Aprendemos muito de nossa língua nativa utilizando-a no dia-a-dia, em vez de aprender de uma maneira formal, para além das atividades que podemos usá-las. As aulas formais apenas refinam uma habilidade que já existe, e há muitas pessoas que conseguem uma notável habilidade com a linguagem com pouco ou nenhum treinamento formal. Nossa compreensão das cidades e de linguagem se dá principalmente por meio de interação e participação. Podemos dizer assim que as regras nos conduzem a certos fins, mas ela não impõe um único caminho possível. Dizer que as regras limitam o modo como podemos nos expressar, seria o mesmo que dizer que o respeito a tal regra nos levaria a uma *linguagem ideal*.

A posição de Wittgenstein é a de que *a ideia de exatidão absoluta seria um ídolo*, ou, talvez, *um mito lógico*. Aquilo que consideramos exato depende das



circunstâncias e da situação interpessoal em que podem surgir questões relativas ao lugar exato, ao comprimento preciso, ao tempo certo, etc. é absurdo insistir em um único ideal de exatidão, desvinculado de todas essas situações (STEGMÜLLER, 1977, p.433).

A semelhança final entre uma cidade e a linguagem é que podemos saber muito sobre como nos locomover em uma cidade sem conhecer cada lugar dela. Pode haver grandes áreas que nunca veremos. Nós não vamos vê-las porque nossas atividades não nos levarão até lá. Na linguagem sempre haverá expressões que nós não entenderemos ou usaremos. Wittgenstein chama essas expressões de subúrbios da linguagem, ou seja, lugares longínquos que só chegaremos se for realmente necessário chegar lá.

Não te deixes perturbar pelo facto de as linguagens (2) e (8) consistirem apenas em ordens. Se queres dizer que, por esse motivo, não são completas, então pergunta-te se a nossa linguagem é completa, - Se o era antes de a notação da Química e de a notação do cálculo infinitesimal terem sido nela incorporados, uma vez que estes são, por assim dizer, os subúrbios da nossa linguagem (WITTGENSTEIN, 2002, §18).

Temos assim que, se as nossas atividades não nos conduzem a certas expressões, então possivelmente nunca as usaremos. Em contrapartida, à medida que o nosso campo de aprendizado se alarga, nossas expressões vão se adequando aos novos conhecimentos. É esse caráter social, que coloca a linguagem como uma atividade que dá o suporte dessa nova concepção de análise. A importância do cotidiano, do ordinário é reiteradamente afirmada a partir do momento em que o filósofo sempre busca analogias com situações corriqueiras para mostra do funcionamento da nossa linguagem. Sempre buscando rechaçar a dicotomia entre o certo/errado, Wittgenstein nos mostra que as fronteiras da língua são delimitadas pelo uso. Se uma expressão nova surge em meio a uma forma de vida, isso significa que ela pode ser usada. Não existe o significado ideal das palavras, mas as possibilidades de movimento dentro do jogo de linguagem.

Agora, o que é logicamente possível ou impossível é o que tem sentido. E o que tem sentido é determinado pelas regras ‘meramente’ ‘convencionais’ do uso de nossas palavras e de sua aplicação na prática linguística cotidiana. As essências (metafísicas) são meros reflexos de nossas formas de representação. Tudo o que é ‘metafísico’ é apenas sombra projetada pela gramática (SPANIOL, 1989, p.135).

Intimamente relacionada com a noção de Wittgenstein de linguagem como uma cidade é a sua metáfora da linguagem como um "labirinto". “A linguagem é um labirinto de caminhos. Vindo de *um* lado, conheces o caminho; vindo de outro lado, mas para o mesmo ponto, já não conheces o caminho” (WITTGENSTEIN, 2002, § 203).



Uma cidade desconhecida pode parecer um labirinto, ou seja, essa nova analogia parece ser apenas uma variação sobre a analogia da "cidade". Mas há um aspecto de um labirinto que é importante para a linguagem, mas não se encaixa com a metáfora da cidade. Este seria o conceito de um labirinto, que foi construída como um labirinto, e não faz parte de uma cidade. Neste tipo de labirinto, todas as passagens tem a mesma aparência e por isso é difícil saber exatamente onde você está. Isto é como o caso da linguagem, onde as palavras têm a mesma aparência em diferentes contextos, mas elas não são usadas da mesma forma, ou seja, dependendo do contexto uma mesma palavra assume diversos outros significados.

O que nos confunde nas palavras é a sua aparente identidade quanto à forma, quando as ouvimos ditas ou as encontramos escritas ou impressas. Então a sua *aplicação* não nos aparece tão claramente. E em especial quando fazemos Filosofia! (WITTGENSTEIN, 2002, §180).

Este é um ponto menor, mas grande parte da filosofia de Wittgenstein vem como uma sucessão de tais pontos de menor importância. As coisas, como ele disse, que são importantes, fogem à nossa observação porque elas são familiares.

O uso como reconhecimento do cotidiano

Para Wittgenstein a ideia de que a estrutura e função da linguagem são reveladas apenas no seu uso, quando ela é incorporada à vida ativa dos falantes e, reconhecer essa multiplicidade, é parte essencial para se entender essa nova abordagem.

E aqui, como já foi dito, não necessitamos nada de novo, pois tudo que precisamos “já está à vista” (IF, §126). O que precisamos é tomar consciência (reflexiva) “do que já é há muito conhecido” (IF, §109). “Queremos compreender algo que está manifesto perante os nossos olhos” (IF, §89), mas que parecemos, em algum sentido, não compreender (SPANIOL, 1989, p.124).

Pois são as estruturas e distinções que se revelam no uso da linguagem e não aqueles que permanecem quando a linguagem é abstraída de sua aplicação que nos mostram que tipo de fenômeno são as funções da linguagem. O que temos são práticas ou jogos de linguagem, cada um dos quais evoca um cenário cultural complexo. São as distinções que existem entre esses fenômenos culturalmente complexos que Wittgenstein quer chamar a nossa atenção, pois são nessas distinções que a verdadeira complexidade do fenômeno da linguagem humana é revelada.

O fato de que cada um dos jogos de linguagem usa uma estrutura gramatical superficial semelhante acarreta no fato de que nos tornamos cegos para as diferenças que, na verdade, é a própria



essência da linguagem. Temos então que a essência da linguagem se revela no seu uso e que, por mais que tentemos conceitua-la, qualquer tipo de descrição não daria conta. Ao invés de observarmos as diferenças que se encontram nas nossas práticas distintas para o uso da linguagem, nós continuamos perseguido uma quimera: a essência da questão.

As diferenças que Wittgenstein quer que nós foquemos não são incidentais à linguagem, para a compreensão da nossa língua é necessário que nós entendamos a nossa participação em todos os complexos jogos de linguagem. Dentro desses jogos temos a análise de proposições, tão caras à filosofia do *Tractatus* e que tem a sua importância dentro de um jogo específico, cuja principal tarefa seria definir os limites do discurso factual. Nós fazemos uma afiguração do mundo acreditando estar correto, mas na verdade essa crença depende muito mais de fé do que de uma descrição do que é o caso.

Wittgenstein não está tentando ignorar seus trabalhos anteriores, mas apenas coloca que a ‘antiga forma de pensar’ não dá conta de toda a linguagem, mas apenas da parte em que se necessita de declarações sobre fatos.

O interesse de Wittgenstein é que nenhum jogo de linguagem seja ignorado, pois todos corroboram para a ideia de uso como fator importante para a análise da linguagem. A utilidade é uma tentativa de recuperar as palavras da alienação filosófica e devolvê-las ao seu habitat, que seria o uso ordinário.

Quando os filósofos usam uma palavra - saber, ser, objeto, eu, proposição, nome – e procuram captar a *essência* da coisa, devemo-nos sempre perguntar: na linguagem onde vive, esta palavra é de facto sempre assim usada?
Nós reduzimos as palavras do seu emprego metafísico ao seu emprego quotidiano (WITTGENSTEIN, 2002, §116).

O ‘nós’ nos remete a busca por trazer as palavras da metafísica para o cotidiano. Assim, o uso funciona como critério de análise e permite que a linguagem ‘apenas seja’, ao invés de fixa-las num plano imaginário e estável, como se qualquer outra intenção devesse ser descartada.

Uma vez que nas *Investigações* torna-se inútil qualquer pergunta sobre a essência das coisas ou do mundo, pela busca de um fundamento, perguntar o que é a realidade também acaba por cair no absurdo. A relação existente entre a linguagem e o mundo se dá no jogo de linguagem, pois os jogos, enquanto conjunto de ações e usos de palavras é o que dá significação a uma determinada forma de vida.

Assim, o acordo entre a linguagem e a realidade não é mais um isomorfismo entre a realidade e a proposição, em que cada elemento do domínio da linguagem deveria corresponder a um objeto no



mundo. Devemos abandonar todo tipo de metafísica e trazer as palavras para o seu uso, só assim seremos capazes de entender a complexidade das relações dentro de uma comunidade de falantes.

Quando muito, o que podemos dizer é que algumas palavras exigem uma relação com objetos, isto é, envolvem denotações. Entretanto, esse aspecto é abandonado com relação a um grande número de palavras que encontram significações nos diferentes usos que delas fazemos. E, nesse sentido, essa dimensão do uso enquanto significação torna sem sentido o problema filosófico da relação entre linguagem e mundo (CONDÉ, 1998, p. 124).

A relação entre linguagem e mundo é um falso problema, isso conforme o excerto acima. Acabamos sendo enganados pelas falsas analogias entre o que dizemos e a gramática. Palavras que nos levam a entender como se estivéssemos falando sobre algo na realidade (como o exemplo “tenho dores”) geram equívocos e, para desfazer esses mal-entendidos, é necessário abandonar a gramática superficial desses termos e procurar a gramática profunda, ou seja, devemos nos perguntar sobre quais são as regras que regem o uso desses termos.

Ao buscar as articulações gramaticais, compreendemos que a pergunta sobre como a linguagem representa a realidade é um falso problema filosófico, pois as regras que regem a forma como interagimos com o mundo estão à vista, ao acesso de qualquer um.

[...] Estamos debaixo da ilusão de que peculiar, o profundo, o essencial da nossa investigação, reside no facto de ela tentar captar a essência incomparável da linguagem, isto é, a ordem que relaciona entre si os conceitos de proposição, palavra, inferência, verdade, experiência, etc. esta ordem é uma *Super*-ordem entre, por assim dizer, *super*-conceitos. Enquanto as palavras <linguagem>, <experiência>, <mundo>, se têm uma aplicação, ela tem que ser humilde como a das palavras <mesa>, <candeeiros>, <portas> (WITTGENSTEIN, 2002, § 97).

A autonomia da gramática torna a relação linguagem e mundo sem sentido, pois não há mais nenhuma intenção totalizante, um conceito fechado ou talvez uma verdade universal, o que importa agora é que o critério de verdade está preso ao contexto de uso de determinada palavra. Qualquer coisa é possível, desde que a forma de vida a qual se faz parte compreenda o que foi tentado passar. Qualquer mudança operada nas regras de uso de uma palavra ou expressão leva a mudança de significação e esta, por sua vez, muda de acordo com o jogo de linguagem que se está jogando. “A gramática da palavra <saber> está, como é óbvio, intimamente aparentada com a das palavras <conhecer>, <ser capaz de>. Mas também com a da palavra <compreende>. (<Dominar> duma técnica)” (WITTGENSTEIN, 2002, § 150).

O entendimento do significado de uma palavra é comparável com o que chamamos de habilidade ou capacidade. Ou seja, existe uma infinidade entre a gramática do “possível”, “capaz de”



e o de “compreender o significado”. Podemos dizer que “entender um significado” é a capacidade de usar uma determinada palavra ou expressão no contexto onde faz sentido, ou seja, a capacidade de entender a forma de vida em que faz parte e agir de acordo com ela.

Considerações finais

As *Investigações*, por sua vez, ilustram a ruptura ao fazer a recuperação da atividade de uso das palavras em seu contexto. Dessa maneira se pode afirmar e isso se fez presente no presente trabalho, que a filosofia de Wittgenstein é caracterizada por um itinerário que vai das proposições ao cotidiano. Neste, o filósofo de *Investigações*, parece falar de um lugar completamente distinto, onde jogos de linguagem, seguimento de regras e formas de vida recuperam o valor do ordinário e da linguagem cotidiana.

Nesse sentido, a filosofia não é uma atividade teórica que procura fazer afirmações sobre a realidade; é antes, uma atividade de esclarecimento da linguagem, ou seja, uma prática. O uso que a referência maior de *Investigações* reforça a palavra como signo do sujeito que não mais pergunta pelo significado, mas pelo uso. Essa pesquisa procurou distinguir os traços desse diálogo e dessa ruptura.

A obra *Investigações Filosóficas* que pode ser lida na continuidade do *Tractatus* quando se coloca ênfase no procedimento terapêutico da Filosofia, pode também, ser lida como uma ruptura quando se observa o lugar de onde o autor reflete a realidade.

Defendeu-se, neste trabalho, que essa obra póstuma do filósofo representa o ponto de chegada de um fluxo que se moveu desde as proposições até o cotidiano. O abandono por parte do autor das pretensões de uma linguagem capaz de expressar a totalidade dos fatos e a aquisição de uma convicção onde a multiplicidade de usos de um termo se faz necessária retoma e defende o valor do ordinário, do cotidiano. A Isomorfia, indicada na primeira obra, exigia a expressão proposicional. Agora, a dinâmica revista e assentada sobre a gramática do uso, exalta o caráter de validade da linguagem a partir de um amplo domínio onde, a pluralidade de aspectos determina uma recuperação do ordinário. É no dia-a-dia, mais especificamente nas circunstâncias da vida que se identifica o movimento para além de sua “velha forma de pensar”, conforme registrado no prefácio das *Investigações*.

O acordo entre a linguagem e a realidade não é mais sustentada pelo isomorfismo entre realidade e proposição onde a cada domínio da linguagem corresponde a um objeto do mundo. Devemos abandonar todo tipo de pretensão metafísica e reconduzir as palavras ao seu uso diário para uma acertada compreensão da complexidade das relações dentro de uma comunidade de falantes.



Referências

CONDÉ, Mauro Lucio Leitão. *Wittgenstein: linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.

MORENO, Arley. *Introdução a uma pragmática filosófica*. São Paulo: UNICAMP, 2005.

SPANIOL, Werner. *Filosofia e método segundo Wittgenstein: uma luta contra o enfeitiçamento de nosso entendimento*. São Paulo: Loyola, 1989.

STEGMÜLLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea: introdução crítica*. São Paulo: EPU, 1977.

WITTGENSTEIN L. *Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 2002.

_____. *Fichas (Zettel)*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *O livro castanho*. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. *O Livro Azul*. Lisboa: Ed. 70, 1992.

_____. *Observações sobre a filosofia da psicologia*. V. 2. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

_____. *Last Writings on the Philosophy of Psychology*, vol. 2, The Inner and the Outer, Oxford: Blackwell, 1992.

_____. *Notebooks: 1914-1916*, trad. de G. E. Ascombe, Ed. G. H. von Wright e G. E. Ascombe, Brasil: Blackwell, 1969.

ZILHÃO, Antonio. *Linguagem da filosofia e filosofia da linguagem*. Lisboa: Colibri, 1993.

Recebido: 20/12/2020

Aceito: 21/01/2021